2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 4. QUINTA FEIRA, 1 DE NOVEMBRO DE 1849. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA NACIONAL.

Exposição de 1849.

53 A 29 de Outubro, a grande sala do Risco do Arsenal da Marinha foi aberta ao publico para ser julgada a quarta exposição da nossa industria.

A concorrencia do povo foi muita, e ainda até hoje não affrouxou, nem affrouxará.

A exposição é um festejo nacional, é como uma reunião de irmãos — em logar do sangue é o trabalho que liga o pensamento e os braços de centenares de homens.

Ha nesta solemnidade tres pontos que não convém esquecer:

A iniciativa das exposições industriaes, que em muitas nações parte do governo, em Portugal tem provindo do principio da associação:

O publico correndo ancioso para os productos que se expoem, prova que um pensamento commum lhes dirige os passos:

Entre a Sociedade Promotora da Industria e o publico figura o governo prestando o auxilio, escasso mas valioso, que os acanhados meios de que dispõe lhe ministram.

A presente exposição é a mais brilhante das quatro, e o numero das pessoas que exposeram productos este anno, orçando por 300, é o dobro das que tomaram parte na ultima exposição: na vastissima sala do Risco já não sobra espaço, chega a faltar, e nem metade da industria nacional está representada na exposição. É muito para lamentar que assim aconteça; mas o facto não deve admirar, pois que a França tendo começado as suas exposições em 1789, tem celebrado até ao corrente anno apenas 11 exposições, e teve na primeira 110 concorrentes, e na segunda 229, e isto era, quando, como diz um nosso collega jornalista da Hespanha, Napoleão considerava mais honroso ser membro do Instituto do que general.

A Sociedade promotora da Industria Nacional prestou ao paiz um grande serviço. Sem esta importante associação, Portugal não teria ainda admirado nem uma só exposição da sua industria. A Sociedade deve entrar em uma vida activa e proveitosa para si e para a patria, aproveitando o zelo e intelligencia de muitos de seus socios. A presente exposição é o primeiro passo da sua nova vida; resta-lhe muito e muito que fazer.

Os louvores que a nação tributou ás diligencias feitas para que a exposição fosse brilhante, devem servir-lhe de incentivo para se constituir verdadeira e illustrada protectora da industria portugueza.

O ministerio da marinha prestando a sala do Risco, fez um grande serviço á sociedade, o qual se tornou ainda mais valioso porque o Sr. Inspector do Arsenal e mais officiaes superiores interessaram-se por tal modo na exposição, que não só parecia que pertenciam á sociedade, mas até á commissão propriamente da exposição, a qual á custa de muitas fadigas e diligencias obteve o feliz resultado que todos podemos admirar, visitando a espaçosa sala da exposição.

É para lamentar que o paiz não conheça ainda o que valem as exposições: infelizmente é só a esta causa e a nenhuma outra que se deve attribuir a falta de tantos productos, quantos podiam concorrer para se exporem ao publico.

As exposições são a base do systema economico, que organisa a industria: são o commentario e a justificação ou condemnação das pautas. É entre os variados e numerosos productos de uma exposição, que os interesses industriaes se pódem defender. Por este lado, é impossivel tentar nenhum trabalho, por quanto nos falta uma edição da nossa pauta, contendo as immensas alterações que se lhe tem feito: não se apresenta na exposição a maioria dos productos do paiz, e os que se apresentam poucos tem a nota do preço. Esta ultima falta, rogamos ás pessoas que exposeram productos, que a remedeem ainda. Nas circumstancias em que estamos, a nossa industria não é inventora, difficilmente o póde ser: a sua missão é imitar, aperfeiçoar e produzir barato. Os preços dos productos são uma necessidade absoluta, para que a exposição possa ser julgada. Não passaremos ávante sem ponderar que a Sociedade deve antecipadamente organisar o programma da reunião, em que ha de solemnemente distribuir os premios. Sua Magestade El-Rei, dignando-se distribuir por sua mão esses premios impõe á So-

ciedade mais alguma cousa do que o dever material de uma reunião; — é mister que a Sociedade falle á industria, que a inspire pela sua fé na regeneração economica do paiz, e que lhe prepare os brios para não desampararem os interesses industriaes.

O Conselho Director da Sociedade já nomeou uma commissão para organisar o jury: — desejamos que esse jury apresente o seu relatorio, quando os premios se distribuirem, e esperamos que esse documento seja bem differente dos incompletos e desalinhados relatorios que tractaram das anteriores exposições. Não faltam modelos para tão importante trabalho, e o jury saberá, ante a illustração da época, grupar methodicamente os factos, estabelecer-lhes a analyse e dar vida a uma obra por meio do estylo, que hoje é condição de que se não prescinde em nenhuma composição que se destina para o publico.

Fallando, em geral, da exposição, não diremos hoje nada mais dos productos que a compõe, porque a esse respeito estamos preparando trabalho, que ainda ao cabo de alguns dias não poderemos publicar, como era nosso desejo e dever.

Para darmos conta completa da abertura da exposição, deveremos referir a augusta visita com que Suas Magestades a Rainha e El-rei, Sua Alteza Real o Principe Real e Sua Alteza o Infante D. Luiz, honraram a exposição.

Em sessão de 25 de Outubro resolveu o Conselho director da Sociedade que o Sr. Duque de Palmella, seu presidente, houvesse de levar á regia presença de Suas Magestades, que o dia da vespera da abertura da exposição, ficára destinado para receber a sua augusta visita. Tendo sido este dia de galla, Sua Magestade designou o dia 30 para visitar a exposição. Ás duas horas estando reunido parte do conselho constituido em deputação, chegaram Suas Magestades, que foram tambem recebidas pelos ministros do Reino, Justiça, Estrangeiros, Fazenda e Marinha e Srs. Duque de Palmella, Saldanha e Terceira, Governador Civil, Major General, Inspector do Arsenal, e Commandante da Guarda Municipal.

Logo que Suas Magestades entraram, e com sua permissão, se concedeu a entrada ao publico.

Por mais de duas horas Suas Magestades percorreram a sala examinando attenciosamente todos os productos, vendo alguns por mais de uma vez, e dirigindo por vezes palavras de louvor e animação aos fabricantes, que encontravam perto de artefactos que eram obra sua, ou feita pela sua direcção.

Todos presenciaram com prazer e interesse, estas provas de animação que Suas Magestades manifestavam pelo verdadeiro bem do paiz. Sua Magestade El-rei mostrou-se muito entendedor em varios processos industriaes e em outros pontos que provam a sua variada e subida instrucção.

Suas Magestades praticaram uma acção digna do maior louvor, comprando por 800$000 réis uma elegante e mui linda carruagem, por 240$000 réis um torno completo e perfeitamente bem acabado, um apparelho de prata para chá por 216$000 réis, um apparador para sala de jantar por 192$000 réis, uma cama de ferro por 72$000 réis, uma palmatoria de oiro e agatha por 120$000 réis, um lindo aparelho de porcelana para chá, uma rica pulseira de oiro, dois primorosos tapetes para sophá, grande quantidade de tapetes para sala de diversas qualidades, um estojo com thesouras e navalhas, uma machina para cortar palha por 38$400 réis, outra para debulhar milho por 18$000 réis e uma bomba para rega de jardim por 36$000 réis.

Suas Magestades sahiram acompanhadas pelas pessoas que as haviam esperado, e Sua Magestade El-Rei, depois de haver manifestado ao Presidente da Sociedade, em nome de Sua Magestade a Rainha e no seu, o quanto se regosijára de admirar os progressos e a importancia da nossa industria, dirigiu-se ainda a dois membros do Conselho, e lhes manifestou o quanto desejava que a Sociedade continuasse a realisação do alto pensamento que a dirige.

Como defensores dos interesses industriaes, cumpre-nos commemorar esta real visita, por quanto, para nós os reis, sahindo dos seus paços para entrar nos paços em que o trabalho é rei, são dignos dos louvores, não só dos contemporaneos mas da posteridade, que para esses soberanos sempre guarda uma das mais gloriosas paginas da sua historia.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Discurso recitado na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa por occasião de se abrirem as aulas no anno lectivo de 1849 para 1850 — por José Eduardo Magalhães Coutinho.

> O conselho reunir-se-ha em sessão publica no primeiro dia de cada anno lectivo, na qual o professor previamente nomeado pelo mesmo conselho na ultima sessão do anno antecedente recitará um discurso, cujos objectos especiaes, serão; — dar conta do estado actual, melhoramento e progresso do ensino; referir os acontecimentos escholares dignos de ser mencionados; e estimular adequadamente os alumnos.
>
> *Decreto de 23 de Abril de 1840. — Cap. 1.° — § 7.° — art. 4.°*

54 Ha poucos instantes, quando eu não tinha ainda tomado este logar, nenhuma das pessoas que se sentam daquelle lado poderia julgar, que do Corpo Cathedratico, tão respeitavel por seu saber, o ultimo dos seus membros fosse aquelle que tivesse alcançado os votos da corporação para cumprir a disposição da lei que acabo de citar.

Senhores, o vosso suffragio não me poderia impor obrigação mais ardua. Hoje mais do que nunca solicito a vossa indulgencia.

Estudiosos alumnos!

As vossas lides vão de novo começar. As difficuldades que a vossa applicação tem vencido até agora, são apenas o preludio de muitas outras, por ventura maiores, que ainda tereis de vencer. Estaes em differentes distancias do termo das vossas fadigas escholares; porém ainda assim, não será para descançar ao cabo dellas em completa indolencia. Mil incidentes na vossa vida pratica vos pedirão improbo estudo. Os louros immurcheciveis que tendes de colher um dia exigem a applicação de toda a vida. Apesar do constrangimento que produz a monotona frequencia das aulas,

quantas recordações saudosas não tereis todavia deste tempo da vossa vida de estudante, quando as horas de serio estudo eram depois compensadas pelas distracções innocentes da mocidade! innocentes, porque o vicio não póde ter morada no coração do mancebo estudioso. A sciencia purifica a alma, e desenvolve a paixão da virtude. *Posside sapientiam, acquire prudentiam; arripe illam, et exaltabit te; glorificaberis ab ea, cum eam fueris amplexatus.* Proverb. 4.°

—

Em 1808 pedia o Governo Francez á classe de Sciencias Physicas e Mathematicas do Instituto um Relatorio ácerca dos progressos das Sciencias Naturaes nos ultimos 20 annos. Aquella corporação satisfasia a essa exigencia nomeando Cuvier para redigir o relatorio. O genio mais vasto do seculo confessava ingenuamente a sua deficiencia á vista da alta missão de que o havia encarregado o instituto. Tão grande fôra o progresso das Sciencias Naturaes naquelles 20 annos, que a concepção de Cuvier não tinha podido comprehende-lo!

No meio das difficuldades da guerra, lançada no tumulto das paixões de partidos exterminadores, a França não se esquecia de dar protecção ás Sciencias. Em 1793 e em 1794, a Convenção Nacional tomava uteis providencias sobre a instrucção publica, e em 1808 o Imperio decretava a organisação da Universidade.

Fôra mais do que uma revolução politica aquella, porque passou então a França. Foi uma revolução eminentemente social e philosophica. Della saíram as bases de um novo codigo de civilisação que um pouco mais tarde subjugava essas nações alliadas, que faziam abater as aguias orgulhosas nos dias de Waterloo.

Senhores! A instrucção publica é o objecto a que mais devem attender os Governos Constitucionaes. Para que os povos possam ganhar sympathia ás novas instituições, é preciso que estejam nas circumstancias de apreciar as vantagens que as Instituições lhes promettem. A educação publica deve ser a primeira obra dos legisladores: aliás a idéa de liberdade será sempre uma pura utopia. A ignorancia é a verdadeira causa dos excessos que o povo tende a commetter sob o regimen dos principios constitucionaes, quando julga não dever ficar nos limites das instituições, e exige mais amplitude na medida da liberdade. A tendencia para a exageração das idéas provém de se desconhecerem os limites onde essas idéas podem e devem ficar.

O respeito ás leis, o amor pelas artes e pela agricultura; finalmente o desenvolvimento dos sentimentos moraes, são obra da educação. A obediencia do povo, não devendo ser cega ou fanatica, exige a cultura da intelligencia. Este é o primeiro elemento de toda a construcção social.

A sociedade moderna tem querido fazer esforço para mudar de costumes. O cataclismo terrivel que a tem ameaçado, procede das falsas idéas que suggere a instrucção deficientissima do povo.

Se um rasoavel equilibrio de instrucção existisse entre os povos e os governos, as instituições modernas não estariam tão expostas a ser affectadas pelas commoções populares; nem o povo seria ameaçado a cada momento pelos excessos do poder; excessos que são justificaveis quando impedem a anarquia, mas que são extremamente fataes em circumstancias oppostas, isto é, quando o povo está em paz e gosa á sombra della os fructos da liberdade.

Circumscrever bem os limites da instrucção publica é materia difficil; mas por isso mesmo deve ser esse o objecto em que mais deva empenhar-se a sollicitude dos Governos. O que a Allemanha tem feito por chegar a este *desideratum* merece a attenção dos espiritos que se interessam na sorte da humanidade.

Dar conta do estado actual, melhoramento e progresso do ensino, é o principal objecto que a lei me manda tratar neste discurso. As considerações que vão feitas levariam ao ponto, porém como tenho de fallar particularmente do ensino medico-cirurgico, porei termo áquellas considerações que por certo chegariam a provar coisas para nós summamente desagradaveis.

Prevê-se tambem o que se poderia dizer do *estado actual, melhoramento e progresso do ensino medico-cirurgico.*

A reforma dos estudos em 1836 é o plano mais vasto que temos tido. Com elle melhorou a sorte das Escholas Medico-Cirurgicas do reino, porém a parte que a inveja e os prejuizos tiveram nessa reforma, fez com que aquelle plano ficasse ainda deficientissimo.

Para que não pareça proposito reservado lançar aqui as tristes reflexões que suggere o caso, omittirei tratar litteralmente da questão. Farei algumas considerações sobre o estado actual da sciencia e dellas se concluirá implicitamente para a these.

Grandes differenças tem a medicina pratica de hoje da dos antigos, differenças que se revelam, não só na arte do diagnostico muito aperfeiçoada com a experiencia dos tempos e com a acquisição de meios importantes de analyse, senão tambem na therapeutica que possue agentes de grande energia, bem como tem redusido a sua applicação a regras mais simplices e exactas. Uma formula já não é a accumulação indigesta de medicamentos de diversas propriedades que pelo seu contacto soffriam radicaes modificações, que deveriam tornar pela maior parte das veses indeterminada a sua applicação, sendo por isso difficil distinguir as phases proprias da doença das alterações que o agente devia produsir.

A materia medica não admitte já a polypharmacia, e comtudo nem por isso deixa ella de conseguir mais seguros resultados. Com o mercurio, com o ferro, com o iodo, com o emetico, com a quina, e pouco mais consegue ella tudo, quanto é possivel conseguir.

É incontestavel o progresso que a medicina pratica deve ao espirito philosophico do seculo. Inteiramente ligada com as Sciencias Naturaes, cujos destinos tem seguido, ella manifesta hoje mais simplicidade e precisão no modo de interpretar os factos, hoje tambem mais convenientemente coordenados e dedusidos. Os recursos que tem tirado da chimica são immensos. O que a analyse organica parece prometter-lhe é extraordinario.

O methodo é tudo na philosophia. É o methodo de uma rigorosa analyse que tem dado tão grandes resultados. A philosophia das sciencias reduz-se a dois pon-

tos unicamente. D'um lado á experiencia pura e simples; do outro lado á generalisação dos resultados. As idéas transcendentes deixaram mais as fórmas methaphysicas, adquiriram mais comprehensibilidade e propagaram-se mais depois que a imaginação deixou de tomar a parte mais activa, talvez mesmo a unica que tinha nas especulações da sciencia. Foi preciso finalmente que o aphorismo do immortal Bacon indicasse qual a verdadeira senda que o homem deve seguir nas meditações da sciencia, se quizer aproximar-se da causa dos phenomenos naturaes, e fixar-lhe as leis d'um modo invariavel. *Non excogitandum est quid natura faciat aut sentiat; sed inveniendum.*

As consequencias a que tem levado o espirito philosophico de observação avultam bastante já. Pelos resultados a que tem chegado, mais provavel parece que os systemas exclusivos tem de cahir por uma vez, do que se dissipem como sombras as consequencias obtidas á custa de difficil experiencia e de profundo raciocinio.

De hoje em diante os progressos da rasão humana serão mais faceis de dedusir uns dos outros, do que eram antigamente. A historia das sciencias poderá offerecer ainda contradicções, mas não apresentará essas grandes anomalias da sciencia antiga.

Ás veses, de espaço a espaço, lá apparecem nos annaes da sciencia principios de uma eterna verdade debaixo da fórma enigmatica da palavra ou perdidos na escuridão de systemas intrincados. Essas idéas que a humanidade lançava ao acaso, eram oraculos que só a posteridade poderia comprehender. O methodo é pois tudo na philosophia. A rasão da nossa sciencia está no methodo.

O estudo da physica, e da chimica tem concorrido prodigiosamente para o progresso das novas idéas. As applicações da chimica á medicina, á agricultura, e a mil generos de industria, foram totalmente desconhecidas para os antigos. Um laboratorio val mais do que todos os livros d'Aristoteles. O microscopio tem achado mais mundos do que a phantasia de Fontenelle.

Elevae muito embora o vosso espirito até ás mais incoherciveis abstracções, porém observae primeiro, experimentae.

Os antigos não fiseram grandes progressos nas sciencias naturaes, porque os factos, em que estas sciencias se apoiam, nascem da experiencia, e a experiencia é filha do tempo.

O desejo porém de explicar os phenomenos da natureza deu logar a que se imaginassem hypotheses e se fizessem systemas para dedusir consequencias de que hoje se vê todo o ridiculo. O jesuita Kirkir, citado aliás como naturalista, tendo descripto os habitantes dos diversos planetas, perguntava se com o vinho do planeta Jupiter se poderia fazer o sacrificio da missa, e se com a agua da Lua baptisar um cathecumeno.

A mais leve apparencia de contradicção que mostrassem os factos da sciencia com a religião, bastava para que se lhes renunciasse. Por este modo, sacrificava-se ás vezes um principio verdadeiro ás rasões amphibologicas de um clero illetrado e fanatico. Não julgueis que sejam passados já muitos seculos depois destas epocas. Ainda ha desoito ou vinte annos se defendiam entre nós com pedantesca erudição e servilismo escholastico essas conclusões magnas, em que se impunha silencio ou lançava o anathema a quem ousasse profanar a santidade da sciencia com uma duvida philosophica, ainda que esta fosse extrahida da Theologica Physica do padre Theodoro de Almeida.

Fóra longo e fastidioso enunciar metade dos pensamentos ridiculos dos sabios. A sciencia tem acatado toda a casta de paradoxos. Os erros do povo ao lado dos erros dos sabios, são insignificantes. Não se póde negar, que o espirito eminente de algumas creaturas em suas profundas meditações, previu factos que passados tempos foram experimentalmente confirmados. Anteviram-se finalmente alguns resultados que parecem incompativeis com a deficiencia dos meios de analyse. Newton, por exemplo, attendendo ás propriedades opticas do diamante descobre que esta substancia é eminentemente combustivel, sendo muito mais tarde que se pensou em submetter convenientemente este corpo á acção do calorico. Kant estabellece conjecturas sobre corpos celestes que deviam existir além de Saturno, e 26 annos depois descubria Herschel o planeta Urano.

Estes factos e mais alguns, supposto que em pequeno numero, provam que o genio é capaz de fazer prodigios, porém não invalidam a conveniencia que ha em buscar nos factos bem verificados o elemento das abstracções.

Essas verdades eternas nasciam algumas vezes em despeito da propria perseguição, porque o talento zomba da injustiça da fortuna e dos homens. A natureza produz genios raros no meio de um povo barbaro, assim como faz nascer plantas preciosas em inhospitas regiões.

Se esses espiritos prodigiosos que tem apparecido como astros brilhantes na immensidade dos seculos, tivessem achado todas as condições favoraveis para o seu desenvolvimento, ou teriamos renunciado já á nossa sciencia actual como incompleta, e contradictoria com a ordem natural das cousas, ou estariamos muito mais adiantados nas consequencias que ainda remotamente podemos antever.

Na historia da medicina ha todas essas contradicções que temos apontado. Os genios mais transcendentes propagaram erros que não teriam sido commettidos, se acaso se tivesse feito conveniente observação.

O estudo da economia animal foi muito pouco attendido pelos primeiros medicos. Mais philosophos do que medicos, substituiram pela maior parte das veses a observação pela hypothese. Da falta de conhecimentos neste ramo resultam os grandes erros que commetteram. Hippocrates, apesar da rectidão do seu espirito, esclarecido pela philosophia socratica, cahiu como os seus contemporaneos nesses erros. Elle nos diz simplesmente que do coração provém o sangue e a pituita; do baço a agua; do figado a bilis; que as veias nascem do figado, e as arterias do coração. Conhecimentos vagos e incertos, destituidos absolutamente de exactidão.

Á inexactidão dos conhecimentos anatomicos segue-se como consequencia necessaria a ignorancia dos factos physiologicos, assim como o erro na pratica. Deponhamos essa reverencia com que a maior parte dos medicos tem considerado Hippocrates; toquemos a *arca*

Sancta. Não supponhamos fazer uma profanação empregando a critica na analyse das doutrinas do oraculo de Cós. Acharemos então ao lado de algumas verdades importantes um sem numero de prejuisos. Não se póde negar a Hippocrates um espirito severo de observação; porém de que póde valer a observação quando se presupõem principios inteiramente imaginarios a que tem de se subjeitar os factos da observação! Os livros onde o medico de Cós deve ser mais admirado, são os empiricos, aquelles nos quaes elle poude prescindir mais de explicações.

É verdade que os factos que são hoje do dominio da sciencia não pódem submetter-se a uma classificação absoluta. Não ha theoria que possa comprehender todos os factos de uma sciencia, quando essa sciencia, abalada nos seus fundamentos pela acquisição de algumas verdades importantes, procura reconstruir-se. Não é possivel generalisar uma ideia, quando se ignoram ainda as modificações que essa ideia está proxima a experimentar pela acquisição de um facto pendente.

O primeiro passo que a medicina moderna tinha de dar — era sacudir o jugo dos systemas. E com effeito Brown, Pinel, Broussais, a escóla anatomico pathologica, — nas suas pertenções extremas, tem passado por diante de nós, que temos alternativamente admirado e renunciado as suas promessas. Nem tudo porém tem desapparecido: os factos bem verificados qualquer que seja a escóla a que pertencem devem formar os alicerces do edificio da scienca, que a continuada diligencia dos espiritos estudiosos chegar um dia a levantar.

Em quanto os homens que estudam não consumarem essa obra, a sciencia não perderá o caracter hybrido que tem. O eclectismo, ou antes pantheismo durará em quanto a intelligencia humana não rasgar o véu que esconde ás nossas vistas as operações moleculares. Chegaremos por ventura a rasgal-o? desconfiamos ainda muito do que sabemos para o poder afirmar. Se para alcançar esse conhecimento fosse indispensavel ser puro animista, como lemos n'um livro da escóla de Montpellier, desde já abraçariamos a autocracia da alma em todas as funcções tanto physiologicas, como pathologicas: Stal seria o nosso idolo.

(*Continúa*).

AGRICULTURA.

Do melhoramento dos terrenos e da drainagem.

CAPITULO I.

(Continuado de pag. 28.)

Da acção da agua na vegetação.

55 O emprego dos adubos, é o mais das vezes muito dispendioso, além de que o seu effeito póde ser nullo ou incompleto, se se despresar o segundo meio que consiste em recorrer á arte para alcançar agua para regar a terra, se ella carecer de agua, ou para a privar della, se a terra estiver demasido impregnada de agua. Tal é o fim das irrigações, e dos esgotamentos.

Nós aqui não temos que tratar nem das irrigações nem das terras que se acham privadas de agua: ao nosso curso pertence só tratar das terras, que se acham muito impregnadas de humidade.

Passemos a examinar primeiramente os symptomas, pelos quaes se conhecem estas terras, e os tristes effeitos da estagnação das aguas.

CAPITULO II.

Effeitos da estagnação das aguas.

Á primeira vista conhece-se que um terreno soffre demasiada humidade, quando nelle se veem crescer espontaneamente certas plantas aquaticas, taes como os juncos, as canas, as tabuas, os fetos, os musgos e muitas outras especies de plantas, que substituem as especies uteis, ás quaes é prejudicial o excesso de humidade. Estas especies de plantas não servem para pastos, e são muito nocivas aos gados: e é porque estas aguas estagnadas ajudam o seu desenvolvimento, que importa remover este mal.

Á falta de juncos ou de plantas, que crescem nas aguas estagnadas, conhece-se o excesso de humidade no terreno, examinando-se o vigor e a côr das plantas e hervas, que de ordinario são amarellentas e esbranquiçadas quando as suas raizes vegetam em um terreno que lhes não convem.

Um indicio não menos notavel da estagnação das aguas, é o estado doentio das arvores. Observando-se as arvores que de ordinario prosperam em terrenos seccos, notar-se-ha que estas, em os terrenos humidos, enchem-se de musgo, e de outras plantas parasitas; que a sua casca é aspera e escabrosa; que os seus ramos não são vigorosos, nem crescem direitos, e que o seu aspecto não é o das arvores sadias e vigorosas. As arvores fructiferas collocadas nestes terrenos, ficam pequenas, tortas, sem vigor, e dão poucos fructos.

As proprias arvores, que se criam bem nas proximidades dos regatos, e de todas as aguas correntes, resentem-se nas terras, onde a agua se acha estagnada; e com quanto estas sofram menos que as outras arvores, com tudo ahi nunca appresentam uma tão bella vegetação como appresentam as que crescem nos terrenos humidos, porém onde a agua não se conserva represada.

Conhece-se facilmente que um terreno precisa de ser esgotado, quando, logo depois do derretimento das neves, a agua se demora á superficie do sólo, e ahi forma poças. A propria côr do terreno, em certas occasiões do anno, é bastante, para se conhecer se elle sofre da demora das aguas. Assim, quando os ventos da primavera tem seccado e feito desapparecer da superficie da terra toda a humidade, se nella se veem logares, onde a sua côr é mais carregada, é indicio de que a agua ahi existe em grande abundancia. Desta demora de humidade no terreno, em um tempo em que os calores começam a fazer-se sentir, resulta um disperdicio de calorico tanto para a terra como para as plantas: porque a terra conserva sempre uma temperatura baixa em quanto se não effectua de todo a evaporação da humidade; porque todo o calorico empregado em evaporar a agua, é totalmente perdido para o terreno e para vegetação.

(*Continuar-se-ha*).

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

AMOR COM AMOR SE PAGA.

Proverbio.

(Continuado de pag. 31.)

SIR WILLIAM, *depois de uma pausa.*

56 Não sei que poder é o seu; mas, sinto que lhe não posso esconder a minha alma. — Foi uma recordação, foi. — Julgava que o meu coração tinha morrido; mas nesse momento em que a vi, senti-o estremecer no peito.

MARQUEZA.

Por uma saudade...

SIR WILLIAM.

Não, não, por uma esperança.

MARQUEZA.

E essa primeira impressão, não se apagou ainda?

SIR WILLIAM.

A esperança cada vez é mais viva. — Quando a vi no baile, julguei têr diante de mim a bella veneziana, de que Byron nos deixou o retrato. — Notei, perdão minha senhora, notei, apezar da mascara, uns olhos negros, que irradiavam a luz do amor; e esses olhos fizeram com que de todo se esvaecesse na minha alma a imagem da minha Dama Branca. Os cabellos loiros transformaram-se n'uns cabellos negros, brilhantes e ondeados; o rosto pallido desappareceu, e em seu logar pareceu-me adivinhar uma fizionomia expressiva, uma côr opalina, ligeiramente crestada pelo sol da peninsula...

MARQUEZA.

Uma belleza inteiramente opposta á que primeiro imaginou. — E sentiu que as podia amar a ambas?

SIR WILLIAM.

Senti que as podia amar; porque a uma e outra eu dava uma alma pura, singela, sentimental, como estou certo que é a sua.

MARQUEZA.

E qual dessas bellezas preferiria?

SIR WILLIAM.

Não sei. — Sinto-me inteiramente mudado. — Tenho necessidade de amar e de ser amado. — Preciso de uma alma a quem eu diga os segredos da minha alma. — Que importa a côr dos cabellos, ou dos olhos? Quando a alma é bella, tudo é bello. *(Pausa.)*

MARQUEZA.

Como deve pensar mal de mim, Sir William! O que eu tenho feito... o meu procedimento singular! — Devo justificar-me, explicar-lhe tudo; e depois... é preciso que nos separemos para sempre.

SIR WILLIAM.

Para sempre! — Escute-me; peço-lhe que me escute, e que acredite nas minhas palavras. — Amei, e perdi aquella que amava. A minha vida começou com aquelle amor, julguei que tambem tinha acabado com elle. — Passei annos sem ter uma paixão, um sentimento, uma simpathia sequer: pensei que estava morto na alma, e os que me conheciam então pensaram como eu. — Desde o dia porém em que vi a V. Ex.ª, a luz raiou de novo para mim. Sei que ainda tenho coração; e este coração, que renasceu por sua causa, é seu... não hade, não póde ser senão seu.

MARQUEZA.

Isso é tudo uma illusão poetica. Esse amor vive na cabeça e não no coração. — Não é possivel amar uma pessoa que se não conhece; ter simpathia por uma mulher estrangeira, que encobre o nome e o rosto...

SIR WILLIAM.

Mas diga-me, senhora, diga-me esse nome; mostre-me esse rosto, que eu adoro já, antes mesmo de o vêr!

MARQUEZA.

Para que não conserve de mim, Sir William, uma idéa, que póde perturbar a limpidez do seu sonho poetico, vou explicar-lhe em poucas palavras a causa das minhas acções: justificar-me...

SIR WILLIAM.

Um anjo não carece de justificar-se.

MARQUEZA.

Um anjo, não, porque todos podem vêr a sua pureza; mas eu... Este véu encobre tudo. — Foi para me justificar que lhe pedi que viesse esta noite aqui. Escute-me e faça-me justiça. — Soube, Sir William, — que importa como eu o soube? — soube que vivia na tristeza e na insensibilidade; que tinha o coração n'uma lethargia profunda, e que a terrivel melancholia que o atormentava podia até leval-o ao suicidio. Pediram-me que o salvasse do perigo que o ameaçava; e prometti fazel-o. Foi por isso que fiz todas estas... loucuras. — Agora, em paga de

quanto fiz, só lhe peço, que me deixe sem procurar saber quem sou; que se esqueça de mim... *(soffocada)*. E que dê a outra mulher... esse coração que já tem vida... mas... que seja longe de Portugal.

SIR WILLIAM, *ajoelhando.*

É um anjo!

MARQUEZA.

Levante-se, Sir William. — Deixe-me. Não prolongue por mais tempo esta despedida. Foi uma visão, que passou. — Adeus, Sir William *(levanta-se e dirige-se para a porta da esquerda.)*

SIR WILLIAM, *levantando-se.*

Nem ao menos um instante mais?..

MARQUEZA.

Não. Adeus.

SIR WILLIAM, *indo para a porta da direita.*

Adeus.

(Chegam ambos ás portas e param.)

SIR WILLIAM.

Senhora! *(A Marqueza volta a cabeça)* — Senhora!

MARQUEZA.

Adeus!

SIR WILLIAM, *aproximando-se da Marqueza.*

Tenha dó de mim, senhora.

MARQUEZA.

Que quer que eu faça?

SIR WILLIAM.

Oh! Deixe-me guardar na memoria o seu retrato, levante, ao menos por um instante, esse véu.

MARQUEZA.

Não. Não póde ser.

SIR WILLIAM, *ajoelhando e pegando-lhe na mão,*

Pelo amor me quiz dar a vida, e com o amor me quer matar agora.

MARQUEZA.

Não posso dizer-lhe quem sou, nem levantar este véu. Tudo acabou; esqueçamo-nos de tudo. — A minha honra, o meu nome... não é meu só.

SIR WILLIAM.

Saberei respeitar a sua honra; guardarei no fundo d'alma todo este segredo... ír-me-hei para Inglaterra sem a tornar a vêr; farei quanto me ordenar... mas não me negue este favor; o primeiro, o ultimo que lhe pesso.

MARQUEZA.

Não é possivel, não é...

SCENA XI.

OS MESMOS, D. LUIZ.

D. LUIZ, *abrindo a porta e entrando.*

Então porque não é possivel, minha irmã, levantar esse véu diante de Sir William? — Pelo contrario. — Quero que o meu amigo saiba quem é minha irmã, antes de partir para Inglaterra.

SIR WILLIAM, *levantando-se.*

Que é isto? Tu aqui?

D. LUIZ.

Estou em caza de minha irmã; como vês.

SIR WILLIAM.

Mas tudo o que se passou...

D. LUIZ.

Fui eu que pedi a minha irmã, que te curasse do mal que te consumia. — Sabes que eu sempre fui teu amigo de véras. — Minha irmã não teve força para me recusar o que lhe eu pedia, apezar de ser... uma *inconveniencia.* A sua alma é boa; e eu pintei-lhe tanto ao vivo os teus padecimentos...

SIR WILLIAM.

Que ella se dignou tomar interesse por mim. — Não sei como heide provar-lhe a minha immensa gratidão.

D. LUIZ.

Respeitando e guardando sempre na lembrança o nome da Marqueza de Alicante.

SIR WILLIAM.

Tua irmã... é a Sr.ª Marqueza de Alicante?

MARQUEZA, *levantando o véu com modestia.*

Sir William, tudo isto, como ha pouco lhe disse, foi uma visão que passou, que ambos devemos esquecer.

SIR WILLIAM.

Oh! Eu, não a esquecerei nunca. — Heide provar-lhe que sei ao menos ser grato...

MARQUEZA, *sorrindo melancholicamente.*

Dezenhando no meu *album*, alguma das suas mais lindas paizagens.

SIR WILLIAM.

Não, Sr.ª Marqueza. Hei de mostrar de outro modo ainda o meu reconhecimento *(beijando-lhe a mão).* — « Amor, com amor se paga. »

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

UM BRADO.

(Por occasião da exposição da industria nacional.)

57 Lisboa, pobre Lisboa,
Linda terra onde eu nasci,
Quem te roubou essa c'roa
De joias, que eu já não vi?

Foste cidade potente,
A mais rica do occidente,
Cabeça d'alta nação.
Estendeste o teu commercio
Desde a Europa ao Golpho-Persio,
Do Novo-Mundo ao Japão.

Galeões aos centenares
Lá íam surgir nos mares
De Malaca — Ormuz — Cochim:
Depois voltando a teu porto
Tudo aqui ficava absorto
Em maravilhas sem fim.

Dos Brazís que engrandeceste
Quantos recursos houveste
Nos velhos tempos de paz!
Que de oiro então girava
Dos quintos que te enviava
O Cuiabá — o Goiaz!

Tão longe chegou teu mando
Que se ía afigurando
Pequeno o mundo p'ra ti.
Hoje no abismo cahida
Só achas conforto á vida
N'uma esp'rança que sorri.

Morreram velhas grandesas;
Mas era d'altas empresas
De novo verás luzir.
Avante a industria e as artes!!
E verás por longes partes
Teu commercio reflorir.

Rica serás como outr'ora;
Erguerás — aqui — lá fóra —
De novo o teu poderio.
Não chorarás esses oiros
Que dos repletos thesoiros
Estranha mão te sumio.

Essa passada riqueza,
Tão falsa como a belleza,
Foi instabil como a flor.
A riqueza é o trabalho:
Podem muito — a serra — o malho
— Os theares — o vapor.

Bella cidade de Ulysses,
Se de ha tanto não dormisses
Á frente irías das mais:
Mas aberto livre accesso
Á forte luz do progresso
Inda irás co'as principais.

Lisboa, nobre Lisboa,
Que por morta estás ahi,
Procura pois nova c'roa
De joias — digna de ti!

C. MARGIOCHI.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO I.

A Procissão de Corpus Christi.

(Continuação.)

58 A procissão descia dahi a momentos vagarosa e solemne pelas ruas da baixa.

Era uma verdadeira exposição de todos os acontecimentos, que tem passado sobre a face do paiz, e transformado os destinos da sociedade actual. Essas illustrações ephemeras, chamadas por um capricho da sorte, aos gosos e commodos da riqueza, ás vaidades pueris da representação publica, não haviam faltado nesse dia. A Babel das distincções sociaes, traduzia-se alli, nos crachás, nas fardas bordadas, nos mantos de cavalleiro, nos arminhos do pariato, em tudo o que cega e deslumbra, ainda hoje, os olhos do povo.

Quem é que não se vê dominado por mais generosa, por mais elevada que tenha a alma, d'um sentimento de despeito, ao vêr a mediocridade chamando sobre si a attenção, e o talento, esquecido e ignorado, nas filas rasas dos espectadores?

Mauricio não invejava essas ostentações vãs, que mal se casam com as altas inspirações do coração: mas quem lançaria um olhar siquer ao mancebo confundido nas turbas, e chamado alli aparentemente por uma curiosidade vulgar?

Então elle sentiu um desses solitarios desesperos em que a vóz se desata em soluços convulsivos, que comprimem e abafam o peito. Elle — o engeitado da civilisação! — mal podia erguer os olhos para a mulher que amava, em quanto os outros teriam o direito de a olhar, de lhe fallar de serem amados talvez!

Quando as carruagens desfilaram depois da passagem da procissão, quando elle viu a mulher dos seus sonhos debruçada elegantemente para um cavalleiro, que corria ao lado da carruagem, teve um daquelles excessos de ambição gigante, em que se declara a guerra á sociedade. Instinctivamente, ameaçou com um gesto soberano aquella grandesa, que o esmagava. Era

o momento solemne que fez do escravo Spartaco, o heroico rebelde, que esteve a ponto de anniquillar o poder de Roma!

Depois caiu outra vez na melancholia da sua situação: sentiu a agonia da aguia, que tenta elevar o vôo e a quem falta espaço.

Foi interrompido dessa dolorosa meditação, por uma pergunta d'um homem que passava:— «Appareces hoje á noite?» disse-lhe elle. «Hoje mais do que nunca!» respondeu Mauricio pegando-lhe convulsivamente na mão, chamado á vida real, á vida da miseria, a essa prostituição diaria dos mais elevados pensamentos, e dos mais nobres sonhos.

CAPITULO II.

Lasciate ogni speranza, ó voi che entrate!

Uma das scenas mais dolorosas para um espectador indifferente, é a d'uma casa de jogo. É a expressão avida, sinistra ás vezes, preoccupada sempre, de todas essas physionomias, animadas pela emoções do ganho, ou desfiguradas pela impressão da perda.

Esta casa era situada n'uma das ruas do bairro da Mouraria. Entrava-se n'um pateo, que correspondia com uma taberna, subia-se uma escadaria de pedra, batia-se discretamente a uma porta verde, e era-se introdusido n'um recinto aonde as paixões mais desenfreadas buscavam o esquecimento, ou a saciedade nos terriveis asares da sorte.

O jogo não se appreciа, n'uma sala, n'uma casa opulenta, aonde as obrigações sociaes impoem a discrição, e constrangem as explosões da colera, ou da alegria. Alli era o jogo da miseria, era o vicio nú e descoberto, privado desse véu poetico, que o engrandece ás vezes, hediondo de cynismo grosseiro, e de escandalo brutal.

Os jogadores estavam apinhados em roda de uma mesa comprida, cuberta d'um panno verde, cheio de nodoas e queimaduras, espiando com um olhar ardente todas as diversas phases do jogo.

Mauricio estava alli tambem com um sorriso amargo nos labios, procurando esquecer, nas caprichosas variações da sorte, as fogosas impaciencias, e os profundos pesares que lhe devoravam o espirito.

Aquella casa era frequentada por todas as classes da sociedade. O vicio, era até certo ponto, uma communhão de egualdade. O *olheiro* era um homem que havia sido rico, que havia perdido a sua fortuna no jogo, e que privado dos meios de satisfazer a sua paixão, estendia a mão áquelle salario vergonhoso, para o arriscar depois.

Quem quiser comprehender as causas da corrupção social, e da depravação publica, tem de estudar cuidadosamente esses centros subterraneos, aonde o fogo dos sentimentos se apaga de todo, aonde a actividade das paixões é tão cega, que conduz, insensivelmnte, o homem ao crime, e á infamia. Quantas vezes o dinheiro que em poucos momentos a banca devora, é filho do roubo, ou representa a subsistencia de uma familia que geme de fome, ou o preço de muitos meses de economia, e que deveria alliviar a miseria do futuro!

De tempos a tempos apparece, como um phenomeno curioso, uma phisionomia candida, admirada de se vêr entre aquelles rostos satanicos, agitados pelo demonio da cobiça, e cujos olhos chammejam a cada uma das cartas, que o banqueiro distribue d'um e d'outro lado.

Mauricio estava n'uma dessas situações, que só conhecem os jogadores *blasés*, e que já sentem um praser infernal nas emoções da perda. Queria perder. E por um daquelles successos que se não explicam, a fortuna seguia as suas combinações.

De repente, sentiu-se tocado levemente no hombro, e viu estendida uma mão supplicante, e ouviu uma voz submissa dizer-lhe: «Se me emprestasse doze vintens!...» Era um ponto infeliz, que não duvidava imploral-o, sem o conhecer.

—Tire dahi! Respondeu concisamente Mauricio.

Um raio de alegria allumiou as faces pallidas e cadavericas do jogador, estendeu a mão e pegou no dinheiro.

—Já não sigo o teu jogo... vaes perder— disse um joven estudante, ao presencear aquella scena.

—Perder, porque?—Perguntou Mauricio.

—Não sabes que esse pobre diabo é o *Calisto* constante de todos os pontos, a quem pede emprestado—e de certo está comprado pelo banqueiro, para fazer daquellas petições? Se lhe recusasses, consola-te,—acontecia-te o mesmo. Levanta-te, se não queres perder até ao ultimo real.

Mauricio sentiu-se animado pelo prazer de affrontar o destino. Jogou loucamente, estouvada-

mente, e viu constantemente a sorte contra si.

— Basta de banca portugueza, gritou um dos parceiros: o monte, venha o monte!

— O Monte! o monte! bradaram as vozes enrouquecidas de muitos, que já fóra do combate, seguiam entretanto o jogo, e esperavam vagamente o poder desforrar-se.

O banqueiro era mais do que um homem, era um monumento. Havia completamente corrido todas as escalas do jogador. *Pato* ao principio, arruinára os seus bens; depois fez *ponto* de calculo: depois mestre na *batota*, velhaco consummado: agora, procurava nas empalmações mais ou menos habeis, aproximar de si a sorte.

Raros são os jogadores que, depois de algum tempo, jogam lealmente. Na alta e na baixa sociedade, o defeito é commum. Se comminassem ao jogador de profissão a pena das galés, raros arrastariam a braga ao pé, innocentes.

O banqueiro parou de jogar: estendeu o pescoço: olhou n'um momento a assembléa, como um general percorre as filas rareadas do exercito, depois de uma batalha: este exame deu-lhe a chave da exigencia, e com aquella rudeza, do que já não teme comprometter-se na opinião, perguntou insolentemente: — « Vocês teem dinheiro para apontar? Parece-me que já estão todos *á paz de pirolo*, e eu não quero arriscar a sorte, sem vêr se podem parar!...

Todos os jogadores olharam-se humildemente e callaram-se. Mauricio levantou-se com indignação, e olhando-o fixamente, bradou-lhe, com a voz affogada de cholera:

— Sou eu que quero, que exijo que jogue o monte!

LOPES DE MENDONÇA.

(*Continúa.*)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

18 a 24 de Outubro.

DIARIO N.º 252.

59 Portaria providenciando sobre o começo dos trabalhos em varias estradas do reino, e mandando activar os mesmos trabalhos, segundo os recursos auctorisados pela carta de lei de 9 de julho ultimo.

DEVOÇÃO.

60 S. A. a Senhora Infante D. Izabel Maria, professou a 14 do corrente na sua capella de Bemfica, como irmã da Ordem Terceira da Trindade do Porto. Este acto de devoção é mais um facto em que se admira o animo christão e nacional de tão excelsa princeza. O Porto recebeu com prazer esta noticia, por que a Ordem Terceira da Trindade, é uma das suas mais respeitadas corporações.

FALLECIMENTOS.

61 No dia 23 morreu pelas 11 horas da manhã o Sr. Conde de Lumiares. Era tenente general, teve por habilitações scientificas o curso de estudos do Collegio dos Nobres e da Academia real de fortificação. Assentou praça em 1807: durante a guerra peninsular foi ajudante de ordens do general Beresford: pelo seu valor ganhou varias medalhas de campanha. Foi nomeado par do reino em 1826. Desde a emigração até á sua morte figurou muito na carreira publica. — Nasceu a 12 de janeiro de 1788. Era homem probo, religioso e excellente chefe de familia: serviu com lealdade a causa da Sr.ª D. Maria II.

A Exm.ª Sr. D. Maria da Transfiguração Torres, viuva do Sr. Manoel Alves do Rio, poucos dias sobreviveu a seu marido; e no dia 26 foi sepultada no cemiterio dos Prazeres.

A 25 perdeu o Sr. Conde das Antas, uma das suas duas filhas a qual havia nascido a 18 de Maio de 1848.

No dia 15 falleceu o Sr. José da Roza Curado, capitão de artilheria em 1828: tinha 72 annos. Em 1834 era coronel. Tinha mais de 50 annos de serviço, morreu pobre: era honrado e serviu com lealdade a causa do Sr. D. Miguel.

Morreu a 26 de Setembro o Sr. Baptista de Figueiredo Pacheco Telles de Aguieira.

No dia 27 do passado morreu o Sr. Francisco Krus, um dos mais intelligentes negociantes estrangeiros, residentes em Lisboa. A maioria das transacções de sua casa versava sobre *letras*, e neste ponto tinha mui bons creditos nas praças estrangeiras. A casa de Barings, de Londres, o havia encarregado de a representar perante o governo de Portugal quando essa casa fez o supprimento para o pagamento dos juros da divida externa. Tinha muitos amigos; e era considerado e estimado por quantos o conheciam.

Desde que temos a honra de redigir este jornal, foi colloborador delle, pelo que diz respeito á praça de Londres.

Morreu no dia 30 do passado o Sr. José Antonio Gomes Ribeiro, antigo e illustre magistrado. Tinha mais de 90 annos; e ainda ha poucos dias tinha assistido com o uso de todas as suas faculdades intellectuaes ao seu anniversario. Esta morte deixa uma sau-

dade mui dolorosa no coração de uma das mais ternas filhas, de que temos conhecimento.

MEIO PARA SE GANHAR MAIS DINHEIRO NA VENDA DOS CAVALLOS.

62 Um sugeito ajusta-se com outro para lhe comprar um cavallo, por vinte moedas. Concluido o ajuste, e no acto do comprador entregar o dinheiro ao vendedor, este, ao passar o recibo do dinheiro, que recebeu, pelo cavallo, diz-lhe, que lhe passava o recibo apenas por cinco moedas afim de o favorecer, pois não havia regateado no preço do seu cavallo.

O comprador acceitou isto de boa fé; e mandou pagar a siza á vista do recibo; quando chegou á casa para pagar a siza, disseram-lhe que o cavallo estava tomado porque elle enganava a Fazenda, pois tinha comprado um cavallo por vinte moedas, e dizia que o tinha comprado por cinco.

Com effeito o cavallo foi tomado por denuncia do proprio vendedor, que com a cobiça de ganhar mais algumas moedas, pois a lei concede metade do preço da venda do cavallo ao denunciante, praticou uma acção indigna.

Sentimos que a lei fiscal dê margem a que se pratiquem actos tão vergonhosos, que muitas vezes poderão effectuar-se de proposito com o fim de se ganharem mais alguns tostões.

* *

BEXIGAS EM LEIRIA.

(Carta)

63 *Sr. Redactor* — Como deseja que lhe communiquem tudo o que fôr digno de publicidade, e a REVISTA em todo o tempo tem pugnado pelos interesses do paiz, entendo que lhe não devo occultar, que os arredores de Leiria tem sido victimas da maior epidemia de bexigas que ha muitos annos se tem visto.

Sem exaggerações, ha aldeias que se tem despovoado da sua melhor e mais forte mocidade; porque a maioria dos atacados está entre os 10 e os 30 annos! Não morrem aos quatro e aos seis, morrem ás duzias e no espaço de poucos dias!

Na aldeia industriosa de Minde, assim aconteceu; no Barrio, termo de Alcobaça, e freguezia de poucos fogos, affirmam-me que morreram 57 pessoas em menos de dois mezes! Os logares da Serra que se estendem até Ourem, tem sido devastados; os do campo da mesma fórma o tem sido; e no pequeno cemiterio de uma aldeia, aqui proxima, ainda hontem se enterraram tres pessoas victimas das bexigas!

Isto, meu amigo, depois da descoberta da vaccina é horrivel, e dá do nosso povo um documento bem pouco favoravel. Prefere vêr morrer os filhos a vaccinal-os; e como ninguem obriga a isso os chefes de familias, o abuso continua e continuará.

Não haverá remedio para o cohibir? Ha certamente, o que é certo é que ninguem tratou disso ainda. Medite, meu amigo, e veja se lembra algum; eu, para que não digam que lembro o mal, mas que não curo do remedio, ahi aconselho um de que, me parece, se tiraria muito resultado. É certo que á força não se póde levar uma familia a vaccinar os filhos em pequenos, e que podesse, isso seria odioso, mas o que se não póde fazer por meios directos faz-se pelos indirectos. Entre os que possam empregar-se, o mais proficuo talvez seria o exigirem os parochos aos pais attestado da vaccinação dos filhos, quando pela primeira vez os levam á egreja afim de serem confessados.

Adopte-se esta pratica, torne-se effectiva, e ver-se-ha que não ha pae que deixe de vaccinar seu filho, quando veja que similhante falta é um obstaculo para a prompta confissão na epoca em que ella começa a ser uma necessidade para o christão.

Se se lembrar de melhor meio, estou certo de que aconselhará, mas em todo o caso adopte o governo um, qualquer que elle seja, a fim de evitar ou já agora, ou para o futuro, um mal que nos está roubando uma parte da povoação mais robusta e necessaria.

De V. etc.

Leiria 26 de Outubro de 1846.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO.

CURSO DE PHYSICA E NOÇÕES DE CHIMICA.

64 O Sr. Padre José Illsley, coadjuvado pelo Sr. Barão de Alcochete, vae começar um curso de physica, em beneficio do Asylo dos Cardaes e das Irmãs da Caridade.

Prestamos ao pensamento grande louvor.

Para que a concorrencia seja como desejam animos christãos, que assim ligam a sciencia com a caridade, parece-nos conveniente alterar as horas do curso, porque ás duas horas e meia, é tempo que pouca gente poderá aproveitar.

TEMPLO DE SALOMÃO.

65 O Theatro de D. Maria II deu, no domingo 28 de Outubro, a ultima representação do *Templo de Salomão*. A enchente era real. Mais de cem pessoas vindas dos arredores de Lisboa ficaram á porta do theatro, sem poderem obter bilhete, e gosar o interessante espectaculo da queda do Templo. Já se póde suppor o profundo desapontamento dos curiosos viajantes. Um dos circumstantes propoz que se pedisse ao Governo em um respeitoso requerimento, que ordenasse que voltasse á scena esta peça.

Não podemos saber se se levou a effeito este pensamento.

ACADEMIA DE SCIENCIAS EXACTAS, NATURAES E MEDICAS.

66 No dia 10, anniversario natalicio da rainha Isabel II, celebrou-se em Sevilha na sala das sessões da Academia de Medicina a installação da nova Academia que se denomina de «Sciencias exactas, natu-

raes e medicas.» Os estatutos facultam a admissão não só dos doutores e licenceados em sciencias, mas tambem dos que pertencem a quaesquer corporações scientificas ou litterarias, e os bachareis em philosophia que tenham pelo menos vinte annos de edade. Os socios inscriptos antes da installação são considerados fundadores.

THEATRO DE D. FERNANDO.

67 Abriu-se este theatro. Merece ser visto. Faz parte da Companhia a nossa excellente actriz a Sr. Emilia das Neves. É empresario e ensaiador o Sr. Emilio Doux, que já o foi do optimo theatro francez, e do theatro portuguez da Rua dos Condes.

Em seguida publicamos os preços das diversas entradas.

Preços — Frisas de frente 2$000 réis — Dos lados 1$600 réis — 1.ª Ordem de frente 2$400 réis — Dos lados 2$000 réis — 2.ª Ordem de frente 2$000 réis — Dos lados 1$600 réis — 3.ª Ordem de frente 1$200 réis — Dos lados 1$000 réis — Galerias de frisas 480 réis — Platéa 360 réis — Varanda 200 réis.

BIBLIOGRAPHIA.

68 GALERIA THEATRAL, publicou-se o n.os 1.º e 2.º deste jornal critico-litterario. Assigna-se na typographia da Travessa das Mercês n.º 11, por anno 1$000 rs., por semestre 600 rs., por trimestre 300 rs., por mez 120 rs., avulso 20 rs.

Sáe duas vezes por semana aos Domingos e Quartas Feiras.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 31 de Outubro.

69 Fundos publicos de 5 por cento, tem havido bastantes transacções por 55. — Acções do Banco de Portugal, continuam a ser procuradas e subiram a 430$000 réis. — Acções da União Commercial, tem havido vendas por 48$000 réis. — — Desconto das Notas do Banco de Lisboa, compra, 970, venda 940 réis.

Cereaes em 31 de Outubro.

Trigo do reino rijo...	de 350 a 430	réis a bordo.
» » molle.	de 410 a 450	» »
» da ilha........	de 330 a 380	» »
Milho do reino.......	de 220 a 240	» »
» da ilha........	de 180 a 190	» »
Cevada do reino......	de 190 a 200	» »
» da ilha.......	de 170 a 185	» »
Centeio do reino.....	de 210 a 220	» »

Estado do mercado, em 31 de Outubro.

Assucar de Pernambuco B..	1$200 a 1$400	réis.
» do Rio B.........	1$200 a 1$350	»
» da Bahia B.	1$200 a 1$350	»
Assucar mascavado novo....	1$050 a 1$150	réis.
» » velho...	$850 a 1$000	»

Limitam-se as vendas ao consumo, tendo chegado proximamente do Rio 130 caixas e 105 barricas, e de Maceió 171 caixas, 157 barricas e 254 saccos.

Cacáo..................	1$700 a 1$750	réis.

Houve vendas para reexportar.

Caffé, 1.ª sorte..........	1$900 a 2$050	»
» 2.ª »	1$800 a 1$850	»
» 3.º »	1$650 a 1$750	»
» Escolha............	1$050 a 1$100	»

Effectuaram-se pequenas vendas para reexportar, e para o consumo, achando-se á descarga umas 734 saccas do Rio.

Cera de Angola B.	$230 a $235	réis.
» » A.	$225 a $226	»

Não houve vendas.

Marfim de lei............	$950 a 1$000	»
» meão............	$830 a $850	»
» escravelho.........	$550 a $600	»

Realisaram-se pequenas vendas para embarque.

Urzella..................	5$900 a 6$100	»

Não nos consta que houvesse vendas.

EXPEDIENTE.

ESCRIPTORIO E TYPOGRAPHIA — RUA DOS FANQUEIROS N.º 82.

Correspondencia franca de porte — AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL.

Doze numeros..............	$600	réis.
Vinte quatro ditos..........	1$200	»
Quarenta e oito ditos........	2$400	»

POR ASSIGNATURA sabe cada numero a 50 réis: *avulso* 80 réis.

Além dos artigos assignados pelo Redactor, todos os artigos não assignados pelos collaboradores ou marcados, pertencem á Redacção.

Roga aos leitores das provincias e do Brazil, que communiquem os conhecimentos dignos de se publicarem em um Jornal como a REVISTA.

Todos os collaboradores estranhos ou nacionaes são bem vindos.

— Recebemos o artigo do Sr. Verissimo Alves Pereira: será publicado precedido das considerações que nos pede.

— Recebemos, Jerusalem, poesia, por Luiz Corrêa Caldeira.

— Recebemos a carta e artigo do Sr. Amorim compositor typographico; não lhe respondemos directamente por não sabermos a sua residencia: antes da sua carta já tencionavamos fazer honrosa menção do seu mui util artigo, e folgaremos sempre que um operario dominado por tão honrosas intenções, nos queira communicar qualquer alvitre.

— Por falta absoluta de espaço fica para o numuro seguinte a Revista Theatral.

— Publicações recebidas:

— Actas das sessões da Academia Real das Sciencias, n.º 4.

— Revista Militar n.º 10.

— Galeria Theatral, jornal novo, n.os 1 e 2.

— Gazeta dos Tribunaes n.os 1129, 1130 e 1131.